

# Anatomia do estranhamento

DADA GALVÃO CARTAXO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

De cara feia, sentada no sofá, preocupada, estava ela. A moça sabia do ocorrido recente, o gesto tenebroso.

Família completa na sala de estar, menos o irmão de cabeleira grisalha que acredita em post de baixa qualidade no instagram, fake news. Amigos e conhecidos. Todos presentes. de repente, lotou. Apartamento grande, gigante, enorme, agora, pequeno. Muita gente. Havia sim uma conversinha torta, meio de lado. Em off. Só eu não reparei.

Trim-trim. olá, boa noite, pizzaria do chefe. Já era hora de servir o jantar? Liguei ao invés de usar o ifood. Achei que fosse uma boa ideia? Hábito antigo. Assim que ouvi aquele timbre de voz, percebi que conhecia o atendente. O querido diz que meu número estava salvo como “irmã”, mas ele lê “imã”. Tentou tirar onda, um tipo bem freudiano. Pizza metade-metade da promoção, por favor.

No meio dos rodopios de conversa no apartamento, a moça me puxa pelo braço, atravessa toda a sala em direção a outro cômodo, mas nada violento. Ela queria ser firme. E foi. bem lá no canto, no escritório, perto da cortina poída por bichinhos de luz, sussurra: Gael-porque-você-jurou-alguém-de-morte? Palavras, não há.

De volta a sala, vejo no rosto das pessoas uma dúvida monstruosamente bêbada de quem está num evento social de alto, altíssimo padrão e pensa: falo com o dono da festa? A tensão no ar era desmascarada pelos olhares, conversa de lado, conferidas rápidas no celular. Vendo aquela cena, minha pupila mostrou os dentes. Fudeu. A esta hora já tinha meme rolando, print de conversa no instagram. tudo ratificava a fofoca: Gael está jurando alguém morte.

Ficou o sobrosso da dúvida. Temor, receio? Também.

# Anatomia do estranhamento

DADA GALVÃO CARTAXO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Falei com geral, assim, no gogó. Gritei. Em breve sai o jantar. Mas queria dizer outra coisa, dissipei. Era muita gente. Mar de gente. Todas as cadeiras ocupadas. Gente se apoiando na janela do apartamento, fumando na cozinha, saindo pelos poros dos corredores, sentadas no chão da varanda. Resolvi pedir mais três pizzas para alimentar aquelas baratas.

Liguei pra pizzaria do chefe e o homem gargalhou como um carcará. A moça me falou que você, Gael, jurou alguém de morte. Silêncio. Os nomes, “moça” e “Gael”, saíram tropeçando, como se a língua dele não soubesse muito bem a quem chamar. O mesmo número de telefone, quase a mesma voz. Grave. A voz estava mais grave. Hiato na ligação. Do outro lado da linha, a ausência de riso. Gostaria de pedir pizzas. Marguerita, frango com requeijão e napolitana.

Mistura de pensamentos.

Fim de tarde e a fumaça de poluição da cidade fazia um por do sol rosa. Não era bonito. Eu estava de bicicleta, com um telefone dos anos 2000, pedindo a pizza, falando com o chefe, e pedalando muito rápido numa avenida feia e cheia de fios e viadutos barulhentos de concreto. Nada agradável. Subi pedalando em um destes viadutos: eu tinha que chegar o mais rápido possível. O celular caiu e eu estou com as duas mãos no guidão, firmes, até que a bicicleta some e eu sigo pedalando no ar. Quase poético, nada necessariamente assustador.

Mas o tempo corria e a calma não era minha amiga.

Sem mais nem menos, minhas pernas começaram a crescer, se alongaram, ficando da largura do viaduto e meu tronco quase beija o asfalto. Minhas mãos, junto com meus pés,

# Anatomia do estranhamento

DADA GALVÃO CARTAXO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

tentam frear meu corpo para não cair do viaduto largo, em movimento. Chego no final. Sem celular. Sem bike. Sem pizza. Mas vivo.

Sou um corpo elástico transformado para não morrer. E não matar.

Fico ali, parado, respirando o ar quente do asfalto, molhado por aquela água suja, suor. Um vulto me observa. Há um acenar de mãos, aquele gesto tenebroso. Eu aceno, ela acena de volta, eu aceno, ela acena de volta. Nem paquera, nem adeus. Reencontro? Talvez. Por um instante, vejo o reflexo nas janelas dos prédios espelhados e cafonas. Alí, reconheço a coreografia trêmula das minhas próprias mãos.

# Anatomia do estranhamento

DADA GALVÃO CARTAXO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

**Original recebido em: 18 de novembro de 2025**

**Aceito para publicação em: 20 de dezembro de 2025**